

## APRESENTAÇÃO

No decorrer das últimas décadas, vem aumentando sensivelmente o interesse acadêmico pelo estudo das relações entre Corpo & Cultura. Há várias razões que explicam esse interesse, a começar pela crescente voga das reivindicações pautadas por culturas favoráveis ao “direito ao corpo” e à “liberação dos prazeres físicos”, influenciadas pelos movimentos sociais dos anos 60 e 70. Nesta época, muitas pesquisas se dedicaram à investigação da constituição cultural e histórica dos corpos, no trabalho e no lazer, juntamente com a crítica da exploração midiática de suas imagens. Não por acaso, aliás, falava-se em “corporeísmo” na França, numa nova descoberta do corpo nos Estados Unidos, enquanto numerosos congressos, exposições artísticas e publicações colocavam esse assunto na ordem do dia, por vezes retomando os trabalhos de Norbert Elias e Marcel Mauss, Reich e Freud.

Todavia, não era a primeira vez que o corpo ocupava um lugar importante nas ciências humanas e nas artes. Sem precisar ir muito longe, no final do século XIX, por exemplo, a medicina higiênica redescobriu a importância do corpo por meio da ênfase sobre uma educação física comprometida com as alianças entre produtividade no trabalho e regeneração ao mesmo tempo física e moral de milhares de adultos e crianças; antes disso, a fisiognomonia, outro exemplo, já havia redescoberto o corpo, em particular o rosto – como uma espécie de mapa do caráter humano, um sistema de correspondências entre essência e aparência, alma e pele; não demoraria muito, também, para que as artes plásticas redescobrissem o corpo, não apenas como modelo ou suporte, mas como o experimento principal da criatividade.

Constantemente redescoberto, nunca, porém, foi completamente desvendado. O historiador Geroges Vigarello – um dos autores neste e em outros números da *Projeto História* –, um dos principais especialistas no tema aqui focalizado, já havia demonstrado esse paradoxo em seu livro, publicado em 1978, sobre a história do endireitamento e da educação dos corpos:<sup>1</sup> os corpos assim como a cultura, não se esgotam numa única visada, nem são decifrados de uma vez por todas. Não se parecem, portanto, com

tesouros escondidos alhures, cuja descoberta coloca um ponto final à obstinada busca. Além disso, nem todas as culturas elaboraram representações corporais parecidas com as que hoje constituem nossa atualidade. No passado e no presente, há culturas que nem mesmo consideram a existência de “um corpo” individualizado, totalmente laicizado e cuja identidade seria em grande medida independente daquela dos demais seres vivos e das forças naturais.

Por isso, o aumento do interesse pelo tema do corpo não poderia ocorrer sem, ao mesmo tempo, haver uma disponibilidade cada vez mais ampla, também em curso, por parte das ciências em geral, para compreender cada manifestação cultural em sua pluralidade e heterogeneidade. Foi preciso perceber que “a cultura” não era necessariamente, ou unicamente, sinônimo de civilização e que as “culturas” poderiam ser investigadas com base não apenas em suas generalidades e singularidades, mas também em seus hibridismos ou em suas maneiras de circular – culturas pensadas menos como substâncias, prontas e definidas, mas muito mais como processos de elaboração da vida, incluindo a fabricação de novas naturezas e memórias corporais.

Esse aspecto fortemente processual da cultura e também do corpo é um dos principais eixos articuladores dos diferentes trabalhos reunidos neste número da *Projeto História* sobre Corpo & Cultura. Eles vêm confirmar, cada um a seu modo, a impossibilidade de isolar corpos e culturas em continentes separados. Nesse sentido, alguns textos aqui publicados destacam a ação de uma cultura disciplinar sobre o corpo, evidenciando estratégias implementadas com a intenção de melhor educá-lo. Há também aqueles que historicizam a naturalização de certas aparências e gestos em detrimento de outros, ou que investigam a emergência de resistências culturais, especialmente quando elas “ganham corpo” nas cidades, nas escolas, nos locais de trabalho ou de lazer; alguns trabalhos também procuram historicizar a invenção das divisões entre o corpo saudável e o corpo doente, assim como os antigos e os novos recortes entre natureza e cultura expressos por meio da história de diversos cuidados corporais. Outros, ainda, debruçam-se sobre os embates entre sensibilidades e cultura material, ou estudam a importância de sociedades devotadas a fortalecer certas associações inusitadas entre o corpo e a Nação, entre uma ordem que se quer natural e um corpo do qual se espera uma produtividade ilimitada. Há, ainda, aqueles que ressaltam a possibilidade de, por meio das representações do corpo, perceber os limites e as aventuras históricas da ciência e da técnica.

Há, por fim, um corpo trabalhado artisticamente, expresso, por exemplo, já na capa deste número da *Projeto História* pela artista plástica Leila Reinert. Se, como lembra

Michel de Certeau na entrevista aqui publicada, “cada sociedade tem ‘seu’ corpo, assim como tem sua língua”, cada corpo expressa os limites e as expectativas de uma determinada cultura, a qual, por sua vez, não cessa de ser corporificada. Essa corporificação reúne a historicidade e o devir, o instante e a duração. Não os reúne, porém, como emblemas para serem reverenciados, mas como corpos culturais e, como tais, provisórios, finitos – finitude e provisoriedade, contudo, cuja expressão não poderia deixar de ser uma miríade de lampejos da infinita potência da vida.

Pensar Corpo & Cultura, editando latentes debates neste número de *Projeto História*, que retoma questões e perspectivas de análise em processo, constitui desafio ao qual não podemos nos abster. Há tempos, como já assinalado, diferentes pesquisadores focalizam corpos e sensibilidades nas relações entre cultura e natureza, pensando o corpo, a pele, os sentidos; seus prolongamentos, concepções, configurações, na interface de polaridade em questionamento.

Ao enfrentar estas questões no contexto de suas trajetórias históricas, articulando a historicidade de corpos, gestos, atitudes aos seus contextos culturais, tem-se presente que esta edição de *Projeto História* constitui mais uma participação na inesgotável polêmica.

*Denise Bernuzzi Sant’Anna  
Maria Antonieta Antonacci*

#### *Nota*

<sup>1</sup> VIGARELLO, Georges. *Le corps redressé: histoire d’un pouvoir pédagogique*. Paris, Delarge, 1978.